

A Educação e o Cuidado de Meninas e Meninos Menores de Três anos em Creches: Indicações para uma Pedagogia da Educação Infantil.

Giandréa Reuss Strenzel¹

Resumo: Esta pesquisa buscou identificar as contribuições das dissertações de mestrado e teses de doutorado dos Programas de Pós Graduação em Educação no Brasil entre os anos de 1983 e 1998 para o desenvolvimento do trabalho pedagógico com crianças de 0 a 3 anos em creches. Para tanto, a pesquisa tomou como fonte de coleta uma base de dados organizada pela Anped, em CD-ROM. Selecionei inicialmente as pesquisas que se referiam à educação de crianças de 0 a 6 anos em creches e pré escolas e em seguida, a produção sobre crianças menores que 3 anos, encontrando-se um total de quatorze pesquisas. Dentre estas, encontrei aquelas que mesmo tomando como base outras áreas tais como a Psicologia, a Educação Física e as Ciências Sociais, fazem relação com a Pedagogia e trazem indicações para uma Pedagogia da Educação Infantil.

Descritores: pesquisa em educação, prática pedagógica, creches, pedagogia, formação de professores.

Abstract: This research looked for to identify the contributions of the Msc dissertations and thesis of Phd of Pós Graduation's Programs in Education in Brazil among the years of 1983 and 1998 for the development of the pedagogic work with children of 0 to 3 years in day care centers. For so much, the research took as collection source a base of data organized by Anped, in CD-ROM. I selected initially it's researches them that referred to the children's education of 0 to 6 years in day care center and preschools and soon after, the production on smaller children than 3 years, meeting a total of fourteen researches. Of this universe of fourteen researches, I found those that same taking as base other such areas as the Psychology, the Physical Education and the Social Sciences, they make relationship with the Pedagogy and they bring indications for a Pedagogy of the Infantile Education.

Descriptors: researches in education, pedagogic practice, day care center, pedagogy, teachers' formation

Introdução

A Educação Infantil é uma área de pesquisa que vem se consolidando nos últimos anos. Esta consolidação tem possibilitado a ampliação do conhecimento sobre os profissionais que atuam na área e a compreensão da formação que tiveram, bem como também tem servido para melhor compreender as brincadeiras das crianças, suas formas de expressão e os espaços destinados aos cuidados e a educação. O objetivo desta pesquisa foi investigar se havia produção científica nos Programas de Pós Graduação em Educação no Brasil, sobre a educação e o cuidado de crianças menores de 3 anos, e quais as indicações desta produção

para o desenvolvimento das práticas pedagógicas no interior das creches, sobretudo indicações para a construção de uma Pedagogia da Educação Infantil.

A pesquisa tomou primeiramente como base, os resumos das teses de doutorado e dissertações de mestrado sobre Educação Infantil no Brasil entre os anos de 1983 e 1998. A fonte de coleta de dados utilizada foi a base de dados em CD Rom organizada pela Anped – Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação. Foram selecionadas todas as pesquisas que se referiam à educação das crianças de 0 a 6 anos em creches e pré-escolas. Num segundo momento, foi feita a seleção da produção sobre as crianças menores de 3 anos, encontrando-se um total de quatorze pesquisas, sendo todas da década de 90.

Entre treze dissertações de mestrado e uma tese de doutorado, busquei nos textos integrais o que estas pesquisas trazem para orientar diferentes formas de trabalhar com crianças menores de 3 anos, entendendo que estas indicações não são apenas de ordem prática exigindo uma elaboração teórica e sistemática. Esta elaboração depende da recuperação de toda a acumulação de experiências para se chegar à ampliação do conhecimento sobre a educação das crianças em espaços coletivos.

Dentro desta perspectiva de análise, as pesquisas foram agrupadas a partir do tipo de contribuição que estas apresentam, na perspectiva de demarcar uma especificidade na direção de uma Pedagogia da Educação Infantil. Deste universo de quatorze pesquisas, encontrei aquelas que mesmo tomando como base outras áreas tais como a Psicologia, a Educação Física e as Ciências Sociais, fazem relação com a Pedagogia e trazem indicações para uma Pedagogia da Educação Infantil.

As pesquisas com aporte na *Psicologia* apresentam contribuições para se refletir acerca das interações sociais, trazendo, inclusive, uma ampliação do entendimento dos processos de constituição da infância ao investigar a produção de significados pelas crianças e dos processos de inserção² das crianças nos espaços coletivos.

Os processos de inserção

As indicações das pesquisas de Martinez (1998) e Duarte (1997) sobre os processos de inserção das meninas e meninos nos espaços coletivos de Educação infantil nos fazem refletir sobre a importância deste momento. A ocorrência de uma entrevista realizada com as famílias

¹ Mestre em Educação, pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação de 0 a 6 anos – NEE 0 a 6, professora do Núcleo de Desenvolvimento Infantil – NDI/CED/UFSC.

² O termo “inserção” é utilizado, pois se acredita que a creche é um lugar de crianças e adultos que constroem conhecimentos e cultura, por isso um lugar de inserimento, tanto de crianças como de adultos.

permitindo conhecer mesmo que inicialmente, a história pregressa da criança e parte da história de sua família pode trazer informações importantes para auxiliar a recebê-la, desde que estejam inseridas numa proposta articulada da instituição. Com este instrumento também as professoras³ poderão utilizar sua experiência relatando aos pais uma síntese daquilo que já vivenciaram em situações semelhantes. Conversar sobre as expectativas da família permite e possibilita uma forma de comunicação que esclarece, para ambas as partes, determinadas informações relevantes para o momento da entrega da criança à creche.

Além da entrevista inicial, Martinez (idem) propõe ações concretas que favoreçam o processo de transição da criança e da família para a creche, como uma visita orientada em companhia dos pais. Conhecer a creche na ausência de situação de estresse pode ser uma atividade útil para pais e filhos. A intenção que se coloca é apresentar a creche em seus diferentes aspectos e em diversas oportunidades: sua rotina, os espaços físicos, as professoras, a equipe de apoio, etc.

Outra questão colocada como importante, diz respeito à ação pedagógica por parte das professoras. A professora como organizadora do espaço em que as crianças irão ficar permitirá a circulação delas com tranquilidade e autonomia. Neste sentido, o adulto passa a ser o organizador, podendo circular entre as crianças. A rotina estaria assim, centrada nas relações estabelecidas entre adultos e crianças e entre elas. A organização dos espaços, dos brinquedos e da rotina da creche, favorece as ações e interações entre adultos e crianças e entre elas, num ambiente afetivo e acolhedor.

A decisão sobre como fazer a separação da criança de seus acompanhantes deveria ser pensada com a equipe de trabalho da creche, ou seja, com a direção, coordenação e professoras em conjunto. Neste momento de ingresso o elo com a família é importante. A presença da mãe ou de outra figura familiar neste período é outra indicação, devido o vínculo afetivo da criança com este adulto. Ele pode exercer o papel de mediador entre a criança e o novo ambiente, sendo o elo no estabelecimento de novos relacionamentos com a professora e com as outras crianças. Além disso, quanto mais se conhecer a família e o contexto de vida da criança, melhor será a relação da professora com ela. Este contato com a família é fundamental e necessário para se partilhar o cuidado e a educação das crianças. Como saber o que as famílias pensam sobre a educação de filhas e filhos ou o que elas esperam do trabalho

³ A opção pela utilização do termo “professoras” no feminino, é devido ao fato de que todas as quatorze pesquisas se referem a “educadoras” no feminino. No entanto, a opção pela utilização de professora ao invés de educadora se dá pelo fato de acreditar-se que há necessidade de formação, seja inicial, seja em serviço para se trabalhar com crianças de 0 a 6 anos em espaços coletivos.

a ser realizado, se não há a oportunidade de participação de um momento tão delicado como este?

Pesquisas e experiências italianas, como as de Mantovani & Terzi (1998), referendam a afirmação de que a presença da figura familiar é uma condição importante para que a criança aceite com alegria e curiosidade o novo ambiente e esteja disponível para estabelecer novos relacionamentos.

Em relação às expectativas das famílias na situação de ingresso, os depoimentos de mães e pais, deixam claras certas preocupações em relação à confiança no local, à resolução de conflitos, de dificuldades, às atividades a serem realizadas, à rotina, etc., o que vem a demonstrar que este momento não se refere somente às crianças, mas as famílias também. O relacionamento entre creche e família possui dois pólos e ambos estão envolvidos, cada qual se conhece e se faz conhecer. Os pais ressaltam ainda a importância do estabelecimento de um canal de comunicação entre pais, crianças e creche desde o início das atividades, considerando positiva a realização de reuniões.

Mães e pais ficam mais tranquilos quanto ao sucesso do processo de ingresso das filhas e dos filhos, à medida que as novas relações começam a aparecer no comportamento de seus filhos e suas filhas. Comer sozinhos, cantar, andar, pegar objetos e outras habilidades físicas que levam à liberdade de escolha, ou seja, ver a criança ativa, com mais autonomia e esboçando atitudes de iniciativa auxiliam na percepção de que a criança está bem.

Segundo Maistro (1999), é necessário que tanto creches como famílias rompam com o mascaramento das diferenças, onde cada um ouve apenas a sua própria voz e considera seus pontos de vista como os únicos legítimos, freando a construção de uma relação mais sintonizada, embora sempre sujeita a conflitos. Creche e famílias necessitam explicitar suas diferenças, trabalhando o confronto coletivamente. Quebrar o “*muro de isolamento*” entre creche e famílias significa iniciar um diálogo, de modo que a presença e a participação das famílias no contexto da instituição possa de fato se concretizar.

Inserção, ingresso, acolhida não é uma questão de adaptação no sentido de modulação, que considera a criança como sujeito passivo que se submete, se acomoda, se enquadra a uma dada situação. É um momento fundamental e delicado que não pode ser considerado como simples aceitação de um ambiente desconhecido e de separação da mãe ou de uma figura familiar, ou de fazer a criança parar de chorar. Mais do que isso, a situação de ingresso das crianças na creche é uma capacidade de integrar um conjunto de significados. É um tempo de chegada, de estreitamento de relações, de convite à partilha, que envolve as crianças, os profissionais e as famílias. A comunicação entre creche e famílias é um princípio que rege a

relação entre elas e o que assegura às crianças a continuidade e o enriquecimento de suas experiências sociais, tendo em vista uma pluralidade de modelos para espelhar-se na construção da identidade e da autonomia, não significando então a separação do adulto, mas a segurança nas relações.

Segundo Mantovani e Terzi (idem), os temores de que a creche cause traumas da separação entre crianças e familiares não possuem fundamentos científicos. A literatura sobre o tema fala em separações totais e a creche é uma separação parcial e temporária, que introduz ou deveria introduzir a criança num ambiente acolhedor, acompanhada de adultos familiares que vão se distanciando à medida que a criança adquire outra referência. Para estas autoras, certas regularidades nos ritmos de vida das crianças nos primeiros anos de vida são aconselháveis. A criança tem necessidade de algo certo, reconhecível e regular, de relações e trocas decodificáveis e estáveis a ponto de serem conhecidas e reconhecidas, de se tornarem emotivamente seguras. *É melhor a creche do que a criança estar numa instabilidade de relações com vários adultos, mãe, avós, babá, durante o dia* “ (p. 175).

A contribuição destas pesquisas está no fato de apreender o que está por trás deste momento específico de situação de ingresso das crianças pequenas num ambiente coletivo de socialização, diverso do familiar. As famílias, com suas expectativas, suas histórias, suas concepções, sabendo o que é esta instituição, qual o seu projeto pedagógico, quem é o adulto que irá cuidar e educar do seu filho ou da sua filha, qual sua formação, irão adquirir uma confiança maior e gradativa na instituição e em seus profissionais. A creche, tendo linhas de ação definidas para este momento e uma equipe de trabalho preparada, poderá acolher famílias, filhos e filhas com maior tranqüilidade. As professoras por sua vez, conhecendo as teorias que explicitam os processos de constituição da infância, sabendo quem é a criança com quem irá trabalhar, planejando suas ações e conversando com as famílias, irão contribuir com este momento específico do ingresso das crianças.

As diversas relações: adultos e meninas e meninos entre si

Partindo do pressuposto de que as interações são constituidoras dos sujeitos e que, interagindo com pessoas e com objetos em contextos específicos, as crianças desenvolvem uma imagem de si próprio, aprendendo, sentindo e pensando sobre o mundo, quando um sujeito pode referenciar-se no outro, encontrar-se no outro, diferenciar-se do outro, opor-se ao outro e, assim, transformar e ser transformado por este. Veremos então quais foram as contribuições das pesquisas sobre estas relações.

As indicações das investigações sobre as interações sociais (Zanconato,1995; Bastos,1995; Nascimento,1997; Paula,1994; Cruz,1995) nos permitem refletir que as crianças são parceiras sociais em suas relações, que constroem e compartilham com seus companheiros os conhecimentos, conflitos, resistências e aceitações dos adultos. O adulto passou a não ser mais o único agente de socialização da criança. As brincadeiras entre as crianças e delas com brinquedos e outros objetos foram favorecedores das interações sociais.

As pesquisas nos indicam, sobretudo Bastos (idem), Prado (1998) e Búfalo (1997), que muito se tem estudado sobre as crianças e seu desenvolvimento, mas a literatura sobre o desenvolvimento dos bebês no espaço coletivo das creches ainda é escassa. As interações constituem um campo rico de significados, que se cruzam, se complementam e apresentam amplas possibilidades de relações. Pensar a creche como uma instituição de atendimento a crianças pequenas, como espaço privilegiado de interações não só de adultos e crianças, mas entre as próprias crianças, é ter de rever as concepções de criança, de educação e das funções sociais dessa instituição.

Outras indicações de Paula (idem) e Zanconato (idem) dizem respeito às condições de trabalho das professoras nas creches pesquisadas, para poderem favorecer situações diferenciadas, agradáveis e de forma tranqüila às crianças, seja na hora do almoço, do banho, do sono, etc. Sem dúvida, este é um dos problemas que merece atenção especial por parte daqueles que se ocupam das políticas de atendimento para estas idades. Estas pesquisas apontam ainda, que a ausência de formação dos profissionais que atuam diretamente com as crianças implica em comprometimento na prática pedagógica desenvolvida. Um maior conhecimento das crianças e das especificidades das suas idades por parte das professoras poderia trazer contribuições ao trabalho pedagógico desenvolvido. As pesquisas apontam também, sobre a necessidade da revisão ou da atenção na composição da razão adulto-criança nos diversos grupos etários.

Estas colocações nos levam a refletir que a creche, instituição pública de caráter educativo, necessita definir seus objetivos, ficando entre as fronteiras do privado, espaço doméstico, e do público, espaço institucional. A creche é um contexto de socialização diverso do familiar e não deve ser entendido como substituto da família. E o profissional de creche deve ser visto como um outro adulto significativo, com formação específica, que contemple a reflexão da prática educativa articulada à teoria, permitindo pensar, repensar, transformar e enriquecer o trabalho com as crianças.

Estas pesquisas nos apontam que as crianças exercem diferentes papéis sociais, determinados por seus contextos de vida. A participação de meninas e meninos num mesmo

grupo faz com que ambos possam ir se conhecendo, aprendendo juntos a se observar e a se relacionar. Desta forma, vão adquirindo modos de interagir entre si. Essa convivência intensa e contextualizada possibilita a vivência no grupo, a diversidade de relações, de aprender com o outro, de desenvolver com ele ações conjuntas, de disputar objetos, enfim, de ir-se constituindo através das interações que estabelecem.

O papel da professora de Educação Infantil é fundamental, exigindo uma postura de observação e de investigação contínua sobre os processos de constituição das crianças, para planejar e executar as ações educativas de acordo com a evolução das mesmas. Além disso, é preciso estabelecer uma relação afetiva próxima e constante com os pequeninos, lançar um olhar apurado sobre suas necessidades afetivas, intelectuais, físicas, motoras. As crianças necessitam de mais atenção e acompanhamento em relação às suas manifestações, a seus recursos de exploração do meio, de seu corpo e de si mesmas para que possam se desenvolver. O conhecimento das crianças e de suas singularidades é muito importante e o respeito a elas é fundamental.

Outras reflexões a que estas pesquisas possibilitam estão relacionadas ao exercício de repetição e intensidade das ações realizadas pelas crianças, proporcionando novas experiências e a apropriação de novos significados. A creche é entendida como um dos espaços de convivência e partilha do cuidado e da educação em que meninas e meninos transitam com suas famílias. Sendo assim, na creche particularmente, elas poderão experimentar alternadamente serem aquele que age e o que recebe a ação, que exercitarão diferentes papéis nas interações estabelecidas com seus pares, ocupando num mesmo jogo, diferentes lugares, podendo diferenciar-se entre o que é de si e o que não é. Na inserção da criança num determinado grupo, este passa a adquirir importância para sua aprendizagem social, pois ela vai deparar-se com duas exigências básicas: identificar-se com o grupo na sua totalidade, com os interesses e aspirações de seus integrantes, e diferenciar-se dos outros, assumindo um papel determinado. Pode-se assim inferir que a vivência em grupo contribui sobremaneira para a sua diferenciação social.

Cabe às professoras referenciar-se nas ações das crianças para atuarem como mediadoras, significando as ações do grupo e de cada criança. Entender e atender as crianças com as quais trabalha implica numa explicitação dos lugares atribuídos a elas, se advindos de suas expectativas pessoais ou das observações sobre as interações entre os pares, assim como numa revisão dos próprios comportamentos, referenciados num conhecimento mais profundo sobre como as crianças conhecem.

Outras contribuições ainda com aporte na *Psicologia*, são as investigações (Santos, 1994; Rêgo, 1995; Rizzo, 1996) que nos fazem refletir sobre o desenvolvimento da prática pedagógica nas creches. Santos (idem), procura demonstrar a importância da avaliação de bebês enquanto recurso indicador de parâmetros de reflexão do trabalho pedagógico e também enquanto detecção de problemas específicos de desenvolvimento, sugerindo um guia curricular para berçários; Rêgo (idem) e Rizzo (idem) pesquisaram os organizadores da prática pedagógica, mas de pontos de vista diferentes.

A prática pedagógica como antecipação da escolaridade, um modelo possível?

De fato, como apontam Rossetti-Ferreira et al. (1999), o ingresso de crianças cada vez mais novas em instituições de Educação Infantil têm demonstrado que essas instituições têm passado a lidar com um conjunto de patologias diagnosticadas após o ingresso da criança à creche, *“desencadeando sentimento e ações diferentes, principalmente a depender do momento em que o diagnóstico é estabelecido”*. Nesse sentido, as instituições de Educação Infantil têm possibilitado um diagnóstico precoce de vários comprometimentos, tanto orgânicos, sensoriais, neurológicos, como nutricionais, dentre outros. O conjunto de profissionais da creche deve buscar uma rede de apoio (familiares, profissionais especializados) e instrumentos que lhe permitam auxiliar o trabalho pedagógico diário com as crianças.

O modelo de prática pedagógica centrada na estimulação ou no desenvolvimento das habilidades das crianças é um dos modelos muito utilizado ainda na Educação Infantil. No entanto, estaremos nos pautando num modelo de criança padrão, desvinculada do processo social, um vir a ser alguma coisa, que necessita ser estimulada para atingir determinados comportamentos ou padrões considerados ideais. Estes conceitos de criança universal, de tempo cronológico linear e homogêneo, pressupõem uma infância provisória, inacabada, que necessita ser estimulada para tornar-se perfeita, ideal. Mas ideal a partir do que? Dentro do próprio campo da Psicologia do desenvolvimento há críticas a respeito desta concepção. Considerar um sujeito imaturo ou não é um julgamento de valor, considerando-se que o processo de maturação biológica é profundamente diferente do processo de maturação social.

Assim, fundindo o domínio biológico com a área social, a abordagem evolucionista da psicologia do desenvolvimento transforma uma norma em fato, favorecendo o processo de naturalização dos julgamentos de valor. O efeito negativo de tal abordagem é legitimar cientificamente um grande número de julgamentos de valor, tomando-os como fatos naturais e objetivos do desenvolvimento humano (SOUZA, 1996: 42-43).

Pensar as crianças nesta perspectiva acaba oportunizando que nossas relações com elas sejam marcadas por uma concepção adultocêntrica, onde não as deixamos serem elas mesmas, terem vontades e desejos próprios. O trabalho pedagógico se encaminharia, então, para estimularmos as crianças a chegarem mais rápido a um comportamento X, depois a outro e a outro.... Para que saiam do estado provisório, imaturo e inacabado. Como se nossas passagens na infância, na adolescência e na vida adulta também não fossem provisórias. Sobre isso Faria (1999:75) explicita que a infância é justamente “... *ausência de características dos adultos, dos jovens e dos velhos nas crianças*”.

Tornarem-se crianças à sua moda. Sorrindo, chorando, aprendendo a falar, a andar, a comer, a se arrastar pelo chão, a pentear os cabelos, fazendo bagunça, brincando com água, soltando pipa, construindo engenhocas, explorando os espaços, experimentando, sujando, limpando, aprendendo a ser generosa, solidária e amiga, brincando com terra, areia, fazendo birra, correndo, fazendo bolinhas de sabão, ouvindo, perguntando, brigando com o outro, abraçando, chupando bala, beijando, resmungando, dando gargalhadas, mostrando a língua, ficando sozinhas, andando de mãos dadas, passeando, brincando por brincar, conhecendo muitas e muitas coisas, cada dia um pouquinho. Ser criança hoje, tornar-se amanhã e depois. “Só” assim.

Áreas do conhecimento e do desenvolvimento, outro modelo possível?

A posição das pesquisas de Rizzo (1996) e Rego (1995), nos remetem ao fato de que o cuidado e a educação das crianças de dois a três anos ainda está atrelado ao desenvolvimento dos trabalhos das escolas de ensino fundamental, onde não se respeitam as especificidades das crianças menores de três anos. Ao sugerir o desenvolvimento da prática pedagógica através dos temas de pesquisa, trabalhando com áreas do conhecimento, estamos deixando de oportunizar às nossas crianças as brincadeiras livres, o trabalho com as artes, com a música, com a dança, por exemplo. As próprias pesquisadoras nos colocam que os temas de pesquisa tornam o trabalho pedagógico direcionado aos conhecimentos objetivos, distantes das crianças de dois a três anos, de seus processos de conhecimento e desenvolvimento, sendo uma preparação para o ensino fundamental. São sugeridas, no entanto, a organização de ateliês, ou seja, atividades diferenciadas construídas em espaços estruturados, como uma alternativa no trabalho pedagógico com crianças destas idades.

Outras manifestações de meninos e meninas

Outras contribuições no universo pesquisado, que nos levam à reflexão são as manifestações das crianças na constituição da infância. Que outras manifestações são estas? O afago, a carícia, o contato corporal ainda são muito solicitados. Tanto meninas como meninos têm necessidade de sentirem o afeto das outras pessoas, assim como de o demonstrarem. Também são fortes os laços de amizade entre meninas e meninos do grupo. Os vínculos individuais entre pares oferecem segurança no enfrentamento de algo desconhecido, na troca de idéias, vivências. Estas manifestações fazem parte destas idades, assim como o ciúme, a competição e o confronto. As brigas pela posse de objetos são frequentes e mostram a necessidade que as crianças têm de projetarem seus “*eus*” nas coisas, para apropriarem-se de si mesmas.

A necessidade do contato corporal, os laços de amizade, o papel do grupo, a fantasia misturada com fatos reais, a imitação daquele que admira, são manifestações que estão presentes nas crianças, e a professora, sabendo como lidar com elas estará contribuindo para uma infância mais feliz, crianças mais alegres, questionadoras, estará entendendo o porquê das crises de birra, da vontade de ficar sozinho, do pedido de colo, das gargalhadas sem motivo aparente, dos pedidos de auxílio ou da repentina independência conquistada.

Brincadeiras e movimentos

As contribuições da pesquisa da área da *Educação Física* que também utilizou referências da *Psicologia* para a educação das crianças menores de três anos nas creches, que investigou sobre a utilização de módulos de espuma para o desenvolvimento das brincadeiras com as crianças, ao invés dos tradicionais materiais utilizados nas atividades de Educação Física, nos indicam que este tipo de material é mais viável no trabalho com as crianças pequenininhas, trazendo segurança e proporcionando a organização de ambientes que possibilitam exploração e movimentos variados.

As brincadeiras com movimentos podem ser oferecidas para a criança independente das instituições terem este profissional ou não. Outra questão importante apontada por Mola (1997) refere-se ao fato de que os profissionais da área de Educação Física não estão adquirindo conhecimentos suficientes que dêem sustentação para desenvolver um trabalho

diferenciado com as crianças menores de três anos⁴, sendo que a adequação das brincadeiras oferecidas pelo profissional passa pelo conhecimento dele, dos processos de constituição da infância, evitando assim, frustrações de ambas as partes.

Mola (idem) nos indica que a descrição de algumas conquistas e dificuldades pelas quais as crianças menores de três anos passam, possibilitaria conhecê-las um pouco mais, a fim de não se esperar uma resposta que as crianças ainda não podem oferecer por uma questão de imaturidade. Na maioria dos trabalhos⁵ desenvolvidos com crianças, as estratégias estão voltadas à aquisição e ao desenvolvimento de habilidades de movimentos finos, em detrimento do desenvolvimento de habilidades de movimentos globais e de estimulação de grandes grupos musculares, necessários para o melhoramento de padrões fundamentais de movimento que permitem a locomoção, a manipulação e o equilíbrio, como andar, correr, lançar, trepar, entre outros.

Estas onze investigações neste universo pesquisado vêm as meninas e os meninos das creches como seres abstratos, a-históricos, não situados historicamente. Têm como modelo uma criança padrão, multifacetada em comportamentos e habilidades, um vir a ser. Não levam em conta seus contextos de inserção social e nem as variáveis de gênero e etnia. São pesquisas que buscam observar e descrever o comportamento infantil, buscando o estabelecimento de padrões, a identificação de parâmetros para a descrição do desenvolvimento infantil, tomando como base os padrões etários de uma criança única, abstrata, natural.

Pensando as crianças como seres imersos na cultura, diferentes, com especificidades que lhes são próprias e características próprias é que as pesquisas com aporte nas *Ciências Sociais* (antropologia e sociologia mais especificamente), vão “ver” os meninos e meninas e pensar sobre eles e elas. Mesmo os bebês foram concebidos como seres capazes de sofisticadas formas de comunicação, competentes, estabelecendo trocas sociais com coetâneos e adultos, através de uma rede complexa de relações e vínculos afetivos.

As contribuições de Búfalo (1997), Fagundes (1997) e Prado (1998) para a prática pedagógica dizem respeito à brincadeira, aos espaços físicos, às diversas linguagens, à literatura infantil e à música. São pesquisas que não estão centradas na construção de conhecimentos e nas áreas do desenvolvimento, mas na idéia das múltiplas dimensões, por

⁴ Na Rede Municipal de Educação de Florianópolis, na qual a Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica, os profissionais da área de Educação Física atuam junto às creches e NEI's, no desenvolvimento de atividades ligadas ao movimento infantil.

⁵ Sobre o desenvolvimento do trabalho do profissional da área de Educação Física que atua com crianças de 0 a 6 anos em espaços coletivos de cuidado e educação ver Sayão, 2000.

isso enfatizam as diferentes linguagens e as expressões humanas, dando um salto completamente diferente das contribuições das outras pesquisas mencionadas acima.

As pesquisadoras apontam para a necessidade de se pensar em um conceito de Educação Infantil que lhe seja próprio, independente da educação escolar, aquele das escolas de ensino fundamental, na tentativa de propiciar às meninas e aos meninos uma educação de qualidade, não escolarizante, diferenciando crianças de adultos, enquanto produtoras e produto da cultura. Elas ainda alertam para o fato de que precisamos produzir conhecimentos sobre as crianças pequenininhas, que conhecemos somente através da Medicina e da Psicologia.

Encontram subsídios na bibliografia recente, produzida especialmente na Itália⁶ para discutir a creche, seu espaço e as crianças, com a preocupação de lhes dar voz e ouvidos, de alfabetizar os adultos nas suas múltiplas linguagens e de possibilitar que a infância testemunhe a si mesma.

As brincadeiras

A brincadeira é um elemento essencial na vida das crianças, pois é brincando que elas expressam sua imaginação e criatividade, possibilitando a recriação dos contextos por parte das crianças. Adultos e crianças como parceiros, brincam e aprendem através das mediações com o outro, que ensina e faz junto, numa construção de signos, significados, visões de mundo, apropriando-se e construindo ao mesmo tempo os diversos bens culturais, entre lembranças de adultos que brincaram quando crianças, entre novas brincadeiras relembradas, aprendidas e inventadas, demonstrando que elas são de todos aqueles que ousarem tornar-se crianças também.

Assim, um toco de madeira pode virar um revólver; um cabo de vassoura, um cavalinho; um pedaço de tecido, uma capa do Batman; um pote plástico, uma panelinha. Estes exemplos permitem-nos constatar que as crianças, quando brincam, se expressam culturalmente, e estas expressões culturais infantis não estão isoladas das relações sociais e dos sentidos e significados, para quem as realiza.

Prado (1998) especialmente, nos assinala que a creche caracteriza-se como um espaço de construção de atributos sociais, classificatórios, carregados de símbolos e práticas que sinalizam e inculcam valores, regras e papéis sociais, sexuais e morais, ideologias,

⁶ Rodari,1982; Becchi,1994; Pancera,1994; Galardini,1996 a, 1996b; Ghedini,1996; Borghi,1998; Franbboni,1998; Garuti,1998, entre outros.

comportamentos e linguagens adequados para as diversas idades, para meninas e meninos. As atividades e brincadeiras da creche valorizam uma cultura da infância que cerceia e transforma a atividade livre e gratuita das crianças num jogo que valoriza a brincadeira contida, adestrada, dirigida, estabelecida pelos adultos, com objetos e brinquedos especificados, em que as crianças aprendem, produzem ou aproveitam seu tempo.

Mas para que se brinca ou se deixa as crianças brincarem na creche? Para prepará-las para a pré-escola ou 1ª série? Para torná-las alunos independentes e autônomos, permitindo-lhes a imitação, a exploração, a tateação, a observação e a reelaboração do mundo? E onde fica o brincar para construir, para buscar, inventar, destruir, transformar, confrontar? Com estas questões, podemos refletir sobre o papel das brincadeiras na Educação Infantil. O brincar livre, à toa, brincar por brincar, sem hora marcada, espontaneamente, livre de significados escolarizantes, muitas vezes não tem oportunidade de emergir no cotidiano das creches.

Assim se evidencia com frequência que a criança não é vista por inteiro, como membro de uma classe social situada histórica, social e culturalmente, é seccionada em infinitos comportamentos ou habilidades, deixando de lado outras competências humanas. De um modo geral, a competência deixada de lado ou negada é a lúdica. Brincando, as crianças são capazes de ir além do que está colocado ou proposto, estabelecido, determinado, apreendendo assim o mundo e o significando, escapando aos limites do corpo e da mente, sendo plenas, inteiras, brincando pelo prazer de brincar.

Ao mesmo tempo em que a creche traz um conjunto de relações afetuosas entre adultos e crianças, ela também traz conflitos decorrentes das múltiplas relações, sejam elas traduzidas por atitudes de respeito e carinho, sejam elas vinculadas à submissão da criança aos adultos. Os adultos que trabalham com crianças necessitam manifestar-se, agir, brincar com elas, colocá-las no colo, sentar-se ao chão, brincar na areia. Essa proximidade entre adultos e crianças, interagindo num mesmo mundo, vivendo um eterno confronto em que existem os conflitos que devem ser enfrentados por ambas as partes.

O desafio dos profissionais da Educação Infantil está em educar e cuidar das crianças, convivendo com elas de maneira sadia, de maneira a serem complementares, mesmo que sejam contrárias. Cada criança tem um ritmo próprio e sua aprendizagem dependerá da possibilidade que ela tenha de explorar o ambiente, expressar suas emoções, ter contato com várias coisas e pessoas, estabelecer relações variadas.

Num espaço marcado por disputas, são frequentes as mordidas e os puxões de cabelo entre as crianças. Essas expressões são apenas uma das formas de comunicação, que meninas

e meninos se expressam, se defendem e se relacionam com o mundo, mesmo porque estas agressões não se caracterizam como forma privilegiada de interação entre elas.

Nas brincadeiras, as crianças buscam encontrar também um espaço de expressão de alegria, de entendimentos e de múltiplas relações, que também podem trazer tristeza, dor, divergências, aborrecimentos. Porém neste espaço contraditório que é a creche, as professoras também negociam regras com as crianças, mediam conflitos, estendendo às crianças a possibilidade de decisões, de escolhas. A criança necessita de um tempo, de um espaço para ser criança, para poder aprender a brincar, aprender o lúdico em suas atividades, manifestando assim sua dimensão lúdica. Pois brincar significa manipular, mexer, descobrir para que serve, montar, desmontar, ficando por algum tempo nesse exercício. O ser humano tem que ter tempo e espaço para fazer isso, o que lhe dará condições para fazer essas competências aflorarem.

Creche: lugar de educação de adultos também

Outras questões que as pesquisas nos indicam é que os profissionais que trabalham com as crianças também se formam e constroem suas identidades na creche, onde, além das muitas divergências e do confronto intrínsecos ao ambiente heterogêneo, existem também conflitos entre os adultos durante as relações pedagógicas que se estabelecem entre as crianças e entre as crianças e os adultos. Pois como as pesquisadoras assinalam, o convívio com as diferenças é a *pedagogia do confronto*.

A creche também é lugar de educação dos adultos. Sendo assim, a construção do modo de atuar dos adultos passa pelo campo da cultura, nesse caso, bastante heterogênea. Além da cultura das crianças, própria da infância, as mulheres também produzem aspectos próprios e do lugar profissional onde atuam. A resistência em fazer as coisas pressupõe uma certa diferença, seja na história de vida de cada um, seja nos seus valores e especificidades. Ao se entender esse processo de aceitação e resistência no campo cultural, pode-se perceber que a cultura é sempre um resultado que se conquista. O que revela que as pessoas não são simplesmente reprodutoras, mas também criadoras inventando seus próprios mecanismos de sobrevivência, suas próprias relações sociais, através das relações que estabelecem num tempo e num espaço.

Os espaços e a sua organização

Sobre a organização dos espaços, as três pesquisas nos lembram que o espaço físico e a proposta educacional da creche são elementos do nosso trabalho que devem ser pensados

juntos, pois irão determinar quais as práticas pedagógicas estão sendo pensadas e realizadas. O espaço pode ser considerado a partir de seu caráter político, envolvendo poder; sendo um instrumento para a reprodução e/ou transformação das idéias e maneiras de se cuidar e educar as crianças.

O espaço da creche representa coisas diferentes para adultos e crianças. Para meninas e meninos, o espaço pode significar alegria, medo, proteção, mistério, desafio, imaginação, descoberta. Liberdade ou opressão. Condiciona rigidamente as atividades das crianças. Mesmo quando o adulto não esteja presente, sua presença está manifesta no espaço por ele organizado. A preocupação em adequar os espaços a partir dos padrões dos adultos marca um desconhecimento do mundo infantil, das suas linguagens, das suas formas de ser e estar no mundo, de aprender e viver o dia-a-dia, conferindo à atuação do adulto a responsabilidade pela construção de conhecimentos da criança sob seu próprio ponto de vista.

O espaço necessita ser flexível, planejado de acordo com as necessidades das crianças e com os movimentos previstos para uma atividade específica. A professora, ao observar as crianças, tem a possibilidade de propor um planejamento estruturado que contemple tempo e espaço para o inusitado, o imprevisto, o inesperado. A observação pela professora, tem o caráter de mão dupla, pois observando as crianças em novas situações, não determinadas *a priori*, o adulto estará aprendendo mais sobre elas.

O espaço é um dos elementos através do qual a criança experimenta várias sensações e sentimentos, estabelece relações com o mundo, criando vínculos com outras pessoas. É o cenário onde se desenvolve um conjunto de relações pedagógicas, fazendo com que algumas possibilidades de trabalho sejam possíveis e outras não. Necessita ser flexível, planejado de acordo com as necessidades das crianças e com os movimentos previstos para uma determinada atividade.

As formas de expressão dos pequeninos

Refletindo sobre as diversas linguagens infantis, as pesquisadoras nos permitem lembrar que estas formas de expressão são ações importantíssimas que ocorrem no cotidiano das creches. Podemos perceber que as crianças têm várias formas de expressão, mesmo os bebês. Que muitas vezes não são consideradas pelos adultos como movimentos de expressão, manifestações de vontades, formas de relacionamento com o mundo, e que estas formas de expressão são determinadas pela cultura a que se pertence.

Existem linguagens que expressam o imaginário, o lúdico, o artístico, o movimento do corpo, o contato pele-a-pele e que a creche pode trabalhar com várias delas, tornando possível

conhecê-las e reconhecê-las no dia-a-dia. Além disso, ao entendê-las como linguagens de todos os seres humanos, possibilita também perceber o outro como igual ou diferente de si, construindo assim, também, a identidade das pessoas, seja entre as crianças ou entre os adultos.

Assim, costumeiramente, as atividades mais ligadas ao corpo, ao contato corporal, como o sono, a alimentação, os beijos, os carinhos, o banho, são destituídas de valor nas creches. O que nos faz refletir sobre o que é ou não pedagógico na creche, que a realização destas atividades podem ser feitas de diferentes formas, tornando-as ou não pedagógicas. Afirma-se, desse modo, que a relação de cuidado e educação com as crianças pequenas pode e deve se dar de diversas maneiras, verbais e não verbais, escrita e não escrita, para que todos tenham a oportunidade de se comunicar com o outro, satisfazendo necessidades e expressando sentimentos e vontades.

Meninos e meninas pequeninhos possuem uma forma própria de explorar o ambiente, de se relacionarem com os objetos, com adultos e crianças, de expressarem suas emoções e de estabelecerem relações sociais e afetivas diversificadas e variadas, numa linguagem sem palavras em que as dimensões do corpo e do movimento ganham amplitude especial.

A literatura infantil, a música e a dança

Foi Prado (1998) a partir de suas observações do cotidiano de uma creche que nos indica algumas possibilidades de trabalho com a literatura infantil como uma forma de expressão, de representação, de criação de fantasias, trazendo à cena novas aptidões, habilidades, expressões, relações. Longe das palavras escritas, as crianças têm a possibilidade de mergulhar num mundo de magia, imaginação, plasticidade, atribuindo-lhes formas e significados próprios do cotidiano de suas vidas. As crianças compõem histórias com palavras que nem sempre possuem significados para os adultos, pois cedem lugar ao jogo.

A música e a dança fazem parte da programação rotineira da creche através de momentos variados. Juntas, se apresentam como uma exibição de movimentos rítmicos, ultrapassando os limites do corpo e do movimento. Podem ser trabalhadas como um resgate e apropriação da cultura local, transformando os rituais e as manifestações populares e folclóricas da comunidade. A música, as expressões musicais, longe de simples repetição de cantos, sons e movimentos devem propiciar às crianças um espaço de criação musical, de descoberta de sons, combinações rítmicas, melódicas e até harmônicas que, por sua vez, são fonte de prazer e satisfação para as crianças pequenas que desde o nascimento experimentam,

conhecem, reconhecem, complementam, descobrem, constroem e criam estas formas de expressão e manifestação cultural, num movimento intimamente relacionado ao ato de dar sentido, de atribuir significados. Assim, ouvir diferentes músicas, construir instrumentos musicais, cantar e inventar músicas, brincar com os sons emitidos pelo corpo e por outros materiais, brincar de estátua, dança da cadeira, boi de mamão, pau de fitas, baile a fantasias são momentos oportunos para a manifestação dessas formas de expressão das crianças, mesmo dos pequeninhos que participam ativamente com seus olhares, gestos, balbucios, movimentos.

Planejar os momentos a serem vividos

Outras questões para refletirmos dizem respeito ao planejamento e à avaliação do trabalho pedagógico. A prática pedagógica deve ser previamente organizada e sistematizada, permitindo o imprevisto e não o improvisado. O planejamento da professora é uma via pedagógica de mão dupla, uma construção coletiva onde as crianças também participam, introduzindo elementos casuais e não planejados. É necessário que o adulto, um aprendiz que ao observar a criança tenta responder ao inesperado, seja capaz de interpretar e reorganizar as condições do momento sem, no entanto, esquecer os objetivos propostos.

Búfalo (1997) assim como Bastos (1995) e Zanconato (1995) nos fazem refletir que muitas vezes as ações das profissionais são intencionais, mas elas não têm a clareza do seu papel, confundindo-o com o papel de mães, incorporando o modelo doméstico em suas práticas pela falta de uma formação específica para cuidar e educar as crianças pequenas. O que nos coloca que a creche ainda constitui-se em um campo em disputa, diferente da família; que a criança neste espaço estabelecerá contatos diferentes daqueles de sua vida privada, doméstica.

No entanto, a creche ainda necessita refletir sobre o seu papel no cuidado e educação das crianças pequenas, pois a fronteira entre o que é competência da família, espaço privado, e o que é da creche, espaço público, ainda está pouco definida. E as profissionais que nela trabalham, por sua vez, necessitam de uma formação profissional continuada para que sejam capazes de saber qual é o seu papel e refletir sobre suas práticas, relacionando-as com os contextos de vida das crianças fora do ambiente da creche. A atuação profissional nas creches requer preparação, planejamento e avaliação para que se possa garantir um trabalho de qualidade, respeitando-se o direito de meninas e meninos de freqüentarem a creche.

Algumas considerações

No desenrolar das contribuições destas quatorze pesquisas que buscaram investigar as práticas pedagógicas desenvolvidas no interior das creches com crianças menores de três anos, pode-se perceber, contudo, que são inúmeras contribuições para se pensar diferentes formas de atuação no cuidado e na educação de meninas e meninos em espaços coletivos. As pesquisas sob diferentes olhares sobre um mesmo objeto, ou seja, a prática pedagógica desenvolvida nas creches com crianças menores de 3 anos, marcam especificidades e definem contornos buscando nas outras áreas, sejam elas a Psicologia, as Ciências Sociais e a Educação Física, contribuições para a Pedagogia da Educação Infantil, ciência da prática que tem como sujeito as meninas e os meninos de 0 a 6 anos e como objeto as relações travadas num espaço de convívio coletivo.

Podemos dizer que há várias questões em transição que se referem diretamente a Educação Infantil, notadamente na década de 90. As mudanças ainda estão ocorrendo e há muito que fazer, mas pode-se perceber mudanças em relação à forma de considerar a família, o papel da creche, a constante afirmação da necessidade de formação profissional, seja ela inicial ou continuada, o lugar dado às crianças, a importância da ação intencional por parte dos adultos que atuam diretamente com as crianças, considerar os diversos parceiros do processo como produtores e consumidores de cultura, e o mais importante, considerarmos que há necessidade de produzirmos conhecimentos acerca das crianças pequenininhas sob o olhar da Pedagogia.

A identificação de diferentes formas de trabalhar com as crianças pequenininhas nos alerta para o fato de que há várias ações necessárias no campo da formação dos profissionais que atuam diretamente no cuidado e educação das crianças pequenas. Outras ações necessárias dizem respeito à circulação destas informações construídas no campo das pesquisas. A Educação Infantil ainda carece de um sistema de informações em que possam circular entre os quatro cantos do Brasil os resultados de estudos, pesquisas, ou seja, as ações realizadas em busca de um atendimento de qualidade para nossas crianças menores de sete anos e mais especificamente, menores de três anos. A produção do conhecimento sobre Educação Infantil em nosso país aumentou muito, sobretudo na década de 90, mas esta produção ainda necessita sair das estantes das bibliotecas para subsidiar os trabalhos daqueles que atuam na formação inicial, na formação em serviço e no trabalho direto na educação e cuidado das crianças pequenas nos espaços coletivos.

Bibliografia

BASTOS, Alice Beatriz B. I. **Interações e Desenvolvimento no Contexto Sócio Educativo da Creche**. São Paulo, 1995. Dissertação (Mestrado em Psicologia).PUC-SP.

BECCHI, E. **Retórica da infância**. Revista Perspectiva. Florianópolis, UFSC. Vol.12, n.22, p 63-95, 1994.

BONDIOLI, Anna & MANTOVANNI, Susana. **Manual de Educação Infantil: de 0 a 3 anos – uma Abordagem Reflexiva**. Porto Alegre. Artes Médicas, 1998.

BORGHI, B. Q. “As Escolas Infantis Municipais de Modena I: o modelo”. In: ZABALZA, M. Qualidade em Educação Infantil. Porto Alegre. Artes Médicas, 1998. p93 -108.

BUFALO, Joseane M.P. **Creche: lugar de criança, lugar de infância**. Um estudo sobre as práticas educativas em um CEMEI de Campinas/SP. Campinas, 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) UNICAMP.

CRUZ, Maria N. da. **Palavras e Gestos no Jogo Interativo: Um estudo dos processos de significação no cotidiano de um berçário de creche**. Campinas, 1995. Dissertação (Mestrado em Educação). UNICAMP.

DUARTE, Márcia Pires. **Período de adaptação na educação infantil: uma análise a luz da teoria de Henri Wallon**. São Paulo, 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) PUC-SP.

FAGUNDES, Magali dos Reis. **A Creche no Trabalho...O trabalho na creche: um estudo do Centro de Convivência Infantil da UNICAMP: Trajetórias e perspectivas**. Campinas, 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) UNICAMP.

FRABBONI, F. A Escola Infantil entre a cultura da infância e a ciência pedagógica e didática. In: ZABALZA, M. Qualidade em Educação Infantil. Porto Alegre. Artes Médicas, 1998. P63-92.

GALARDINI, Ana L. Lugares para crescer: projetos e experiências nos serviços pré-escolares na Itália. Anais do IV Simpósio Latino-Americano sobre atenção à criança de 0 a 6 anos e II Simpósio Nacional de Educação Infantil. Brasília, 1996^a.

Avaliação da Qualidade no Atendimento à Infância. Anais do IV Simpósio Latino-Americano sobre atenção à criança de 0 a 6 anos e II Simpósio Nacional de Educação Infantil. Brasília, 1996b.

GARUTI, N. “As escolas infantis de Módena II: as práticas educativas”. In: ZABALZA, M. Qualidade em Educação Infantil. Porto Alegre. Artes Médicas, 1998, p. 119-140.

MAISTRO, Maria Aparecida. **Relações creche e famílias, a quantas andam?** Perspectiva. Florianópolis. Vol. especial. p 49-60 jul. /dez. 1999.

MARTINEZ, Cláudia Maria Simões. **Da família a escola: ingresso de crianças de 1 a 3 anos em novo contexto de socialização**. São Carlos, 1998. Tese (Doutorado em Educação) UFSCar.

MOLA, Isabel Coelho. **Desenvolvimento motor de crianças de 18 a 33 meses e educação física: uma proposta de atuação na escola**. São Paulo, 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) PUC-SP.

NASCIMENTO, Maria Leticia Barros Pedroso. **Corpo e fala na constituição do eu**. São Paulo, 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) USP.

PANCERA, C. **Semânticas da Infância**. Revista Perspectiva. Florianópolis. Vol.12, n. 22, p. 97-104, 1994.

PAULA, Ercília M. ^a T. **Comida, diversão e arte, o conflito infantil em situação de alimentação na creche**. São Paulo, 1994. Dissertação (Mestrado em Educação) USP.

PRADO, Patrícia D. **Educação e cultura infantil em creche: Um estudo sobre as brincadeiras de crianças pequenininhas em um CEMEI de Campinas/SP**. Campinas, 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) UNICAMP.

REGO, Maria Carmem F. D. **Recortes de relatos: dos primeiros passos às primeiras descobertas**. Natal, 1995. Dissertação (Mestrado em Educação) UFRN.

RIZZO, Carla. **Maternal: uma brincadeira que é séria: é séria?** São Paulo, 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) PUC-SP.

RODARI, G. **Gramática da Fantasia**. São Paulo. Summus, 1982.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. Saúde e Doença em Ambientes Coletivos de Educação da Criança de 0 a 6 anos. In: 22^a Reunião Anual da Anped. Caxambu/MG, 1999.

SANTOS, Tânia dos. **Avaliação de bebês em creches: uma prática pedagógica necessária a uma instituição comprometida com o aspecto educacional**. Marília, 1994. Dissertação (Mestrado em Educação) UNESP.

SAYÃO, Déborah Thomé. **Infância, Educação Física e Educação Infantil**. In: Síntese da Qualificação da Educação Infantil. Florianópolis. Prefeitura Municipal, SME, 2000.

STRENZEL, Giandréa R. **A Educação Infantil na Produção dos Programas de Pós-Graduação em Educação no Brasil: Indicações Pedagógicas para a Educação da Criança de 0 a 3 anos**. Florianópolis, 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) UFSC.

SOUZA, Solange J. **Re-significando a Psicologia do Desenvolvimento: Uma contribuição crítica a pesquisa da infância**. In: Kramer, S. & LEITE, I. M. (org.) *Infância: fios e desafios a pesquisa*. Campinas – SP, Papyrus, p39-55, 1996.

ZANCONATO, Maria Z. F. **A identidade institucional da creche e a ação educativa berçarista-criança: um estudo de caso.** Piracicaba, 1995. Dissertação (Mestrado em Educação) UNIMEP.